

VII
CONGRESSO
LUSO-BRASILEIRO
de História da Educação



Educação Estética: Histórias e Vivências da Docência

Margaréte May Berkenbrock-Rosito
Universidade Cidade de São Paulo - UNICID

EIXO 5 – Formação, identidades e profissão docente

Abre-se a possibilidade de compreensão dos espaços da escrita (auto) biográfica na formação de professores, como via de reconhecimento do eu como ser nativo e estrangeiro em vários territórios.

A experiência de lançar outros olhares, dar ouvidos a outras vozes, a outro idioma solicita uma migração, imigração e emigração, em um intercâmbio de papéis, que envolve o questionamento da identidade, que vai sendo experimentada gradativamente. A cartografia, do ponto de vista geográfico e político, define o território como fronteira para países, divisa para Estados e limite para municípios. No exercício analógico de pensar o sentido de Eu como nativo e estrangeiro, empreendo a compreensão da intersubjetividade como fronteira, os estados subjetivos como divisa e a singularidade como limite. Como acolher o estrangeiro e o nativo que nos habita?

O objetivo deste estudo é o entendimento dos subterrâneos da formação docente como uma construção político-cultural da escrita (auto) biográfica. Adota-se, a abordagem (auto) biográfica na perspectiva de Dominicé (2006), Pineau (1988; 2006) Josso (2002). Na perspectiva de Josso (2002), focalizamos o paradigma experiencial da História de Vida em formação como aproximações epistemológicas, teóricas e metodológicas e o enfoque mito-hermenêutico, como modelo de compreensão do mundo humano, na perspectiva de Ferreira-Santos e Ortiz-Osés (2004).

A História tecida em Retalho, proposta como atividade de autoconhecimento, na perspectiva mitohermenêutica, revela a formação de professores como algo construído que reverbera no eu-outro, no diálogo entre imagem e conceito, como campo de umidade e aridez. Demonstra a narrativa como elemento universal na constituição do eu-sujeito. A história do sujeito singular carrega consigo a História da Humanidade. Mergulhar no mundo da narrativa de si é mergulhar na História para desvelar a existência do eu com o outro por meio do imaginário, o mito, a arte, os movimentos da cultura e da saga humana.

Na História tecida em Retalho, a narrativa dos alunos de graduação e pós-graduação possibilitou a conexão com várias dimensões de sua história, as imagens pictóricas evocaram a singularidade plural da pessoa no profissional. Se, a espiritualidade está vinculada à singularidade da pessoa. Se, o espírito vincula-se ao sentido que se atribui às coisas. Desse

modo, já que tudo parte de um único tecido, tecer a história do eu no retalho significa tocar na vivência da autoria.

No adentrar o Programa de Mestrado, qualquer que seja a opção, em nosso caso, Mestrado em Educação e em Bioética, ocorre deslocamento do território do docente para o de pesquisador. Constato que na passagem do lugar ao não-lugar ocorre a complexa constituição da identidade e subjetividade do pesquisador. É preciso aprender a ser pesquisador. Na proposta da Colcha de Retalhos lançamos mão das palavras de Freire “aprender pesquisar pesquisando”. Em outras palavras, na vivência dos momentos concretização da atividade Colcha de Retalhos: aprender a ser pesquisador envolve a pesquisa de si e compreender como nasce uma pesquisa. As dificuldades e os percalços, no processo de aprendizagem, significam, antes de tudo, a resistência à mudança de identidade.

Para Josso (2002), extrair da vivência momentos marcantes significa identificar os percursos (auto) formativos, porque houve um aprendizado, uma experiência. Para a autora, o paradigma experiencial entende só há aprendizagem, quando ocorre mudança de referenciais e a formação docente é uma construção que ocorre nos espaços e tempos da história da vida em formação, que contribui para a compreensão do processo de construção do conhecimento de si e do mundo humano. Portanto, faz sentido falar em Ciências do Humano e não cabe a distinção entre Ciências humanas, exatas e da saúde.

Neste trabalho relato uma atividade Colcha de Retalhos, que desenvolvo desde 2002, inicialmente, na graduação e, desde 2005, na Pós-Graduação, que vê a arte como processo criativo na formação de professores, mediado pela História de Vida em formação, na perspectiva da formação/pesquisa a implicação da subjetividade do pesquisador que exige ética e estética.

Em busca dos lugares de (auto) formação que compreendo como processos investigativos da origem da autoria de ser docente e pesquisador, do sujeito singular-plural pelo método de História de Vida em formação para explorar os territórios do eu em um processo que foram vivenciados em 7 momentos, que formam o que chamo de um estudo documental (auto) biográfico.

- O primeiro momento, consiste na narrativa escrita, consiste em duas estratégias: (auto) Biográfico e o Quadro linha da Vida. O trabalho (auto) Biográfico consiste em Resgate da Memória do Ensino Superior três cenas marcantes. Descrevê-la e refletir sobre as seguintes questões: Como foi sua relação com o conhecimento? Com o professor? Que aluno fui? Foi uma relação de autoria ou não? A outra estratégia a elaboração do “Quadro linha da vida” descreve toda a sua História, localizar nas lembranças, memórias do eu, os momentos divisores de água, o reconhecimento da transformação de si, o antes e o depois, provocado por um determinado. O que aprendeu?
- Com o objetivo de identificar os momentos divisores de água ou “momentos charneiras” (JOSSO 2002, p.32) na vida familiar, escolar, profissional, lugares, pessoas, livros, filmes, têm implicações na tomada de consciência de eventos que provocaram uma transformação, o antes e depois, na maneira de ver o mundo, que ocorre no trânsito de territórios dentro e fora do espaço acadêmico (WARSCHAUER, 2001).

Quadro linha da vida: Momentos Divisores de Água

Categorias de Espaço e Tempo	Ano	Ano	Ano
Vida Familiar			
Vida Escolar			
Vida Profissional			
Pessoas			
Livros/Filmes/Músicas			
Deslocamento geográfico			

Descrever e analisar o caráter do tempo e do espaço na experiência humana é autoconhecimento (Cassirer, 2005), como o fez, por primeiro, santo Agostinho, em sua obra *Confissões*. No processo de autoconhecimento, as fronteiras do presente, passado e futuro são borradas. Uma nova maneira de ver o mundo tem o aspecto simbólico de aventurar-se por outros territórios para a compreensão de seu próprio território (Cassirer, 2005).

O segundo momento, a narrativa fílmica, o Filme Colcha de Retalhos. Escrever sobre a cena ou cenas de afetaram. Qual o protagonista houve uma identificação. Algumas metáforas aparecem: a ventania, o morango, o corvo, o mergulho... estabelecer uma analogia com o seu percurso formativo.

- O terceiro momento, a narrativa imagética, as imagens são evocadas pelos momentos anteriores e tecidas em retalhos, tecer imagens em retalhos, configura-se em experiência que ajuda a puxar o fio da memória e acionar um caminho de retorno. A história que ganha visibilidade nos retalhos tramados, uma linha tênue pode ser esboçada entre passado e presente, para projetar a sua autoria no futuro. A imagem o arrebatou e depois pensar sobre o que arrebatou e como pode se transformar em sua autoria.
- No quarto momento, a narrativa oral. Na sala de aula, todos, em roda, contam e ouvem atentamente a História tecida no retalho, não uma história inocente, mas a saga humana, a *lumina profundis*, as luzes que vêm de dentro (FERREIRA-SANTOS, 2004, p.107) aproximamos pólos culturalmente desconectados e essenciais para nossa vida pessoal e profissional – razão e emoção, cognição e afeto, consciência e inconsciente, singular e coletivo; provocamos conteúdos que podem ter sua compreensão intensificada no campo da sensibilidade. A narrativa oral, imagética/pictórica e escrita, significam a trajetória da humanidade para registrar a sua memória de sua história e de sua historicidade. Revivemos esse processo da humanidade na arte de contar histórias tecidas em retalhos. O choro presente no contar a sua história significa o nascimento da autoria. Quando um bebê nasce o choro é a comprovação da existência de vida. O que não significa que nasceu sabendo. É preciso aprender.
- No quinto momento, a articulação das narrativas, as mãos empunham linhas e agulhas para tecer a Colcha de Retalhos, negociando como articular cada retalho para a harmonia na feitura. Aprender que olhar para si é olhar para outro, reconhece a sua história no outro, a sensação de que alunos e professores e alunos-alunos são estrangeiros habitando o mesmo espaço da sala de aula.

- No sexto momento, a narrativa do silêncio, a entrega da Colcha de Retalhos, quando os protagonistas se tornam espectadores-observadores de sua própria obra. Do retalho-história feito à mão, às mãos da costureira que faz a costura das histórias tecidas em retalhos na máquina. O retorno para a sala de aula é o produto de um processo de criação singular coletivo. A costura, pode ser representada pela metáfora da “agulha à máquina” significa sobretudo a relação das mãos que tecem a formação do professor e a sensibilidade que esta ação exige. A agulha segue o ritmo da mão que a conduz. A máquina tem uma velocidade que o homem, seu criador, não consegue acompanhar. A agulha é processo de criação, a máquina é produto, o automatismo.
- No sétimo momento, a narrativa fotográfica. Todo o processo é registrado por meio da fotografia. As fotografias são expostas com a Colcha de Retalhos. A beleza do processo vivido passa despercebida. A fotografia congela fragmentos desse processo para que um dia seja compreendido. Se, nem tudo é compreendido é preciso aprender que o tempo impõe-nos limites. Se, o olhar que governa o mundo é aquele que só vê o produto e não processo, talvez só percebe a feiúra e não a beleza instaurada. (BERKENBROCK-ROSITO, 2008, p.90)

A metáfora, assim, é uma manifestação concreta – e não literal –, uma inunção entre o eu e o não-eu. Podemos, utilizando a linguagem literária, ilustrar isso de forma muito mais eloqüente, nas palavras de Bosi (1993, p.114, grifo do autor): Determinações múltiplas e contrárias, o não-ser e o ser, o tempo e a eternidade, o mundo e o eu, vão crescendo junto com o significado da palavra. ‘Concreto’ quer dizer, precisamente: que cresceu junto. (*In*: MENDES, 2006, p.20)

A História, tecida em retalhos, traz para a reflexão/vivência ofícios e práticas em desuso: “fazer à mão”, tecendo e costurando imagens em retalhos. A tecedura da Colcha de Retalhos configura-se como uma possibilidade de revelar a autoria, que penetra na dimensão da educação estética, com suas imagens, símbolos e metáforas, que dão sentido à existência e a completam.

Um **método estético** se baseia em texturas, imagens, linguagem, emoção e misteriosas irracionalidades imprevistas. A história mantém suas palavras próximas aos eventos, o logos abarcado pela psique. **Um método estético** [...] vincula invisivelmente, de forma análoga, todas as histórias e pessoas que coexistem no mesmo campo. Para usar a famosa frase de Wallace Stevens, (Letters, p.469) Súbitas aberturas da mente, do coração e dos sentidos, especialmente dos olhos; *insights*, *aha's*, analogias, epifanias únicas que comovem a alma, levando-a ao limite e libertando-a da caixa. (HILMANN, 1997, p. 46)

Na perspectiva de Hillman, transitar nos territórios, dentro e fora dos sujeitos, e nos espaços institucionais impulsiona a imaginação, como produtora e criadora, não cópia. Para Bachelard, “a imagem é a origem da consciência”. O processo de vir-a-ser da conscientização, da passagem de uma “consciência ingênua para uma consciência crítica”, nas palavras de Freire.

Deleuze (1992) e Guattari (1992), Derrida (2004), Foucault (1992;2006), Barthes (2004) assinalam a necessidade do des-centramento, des-locamento, des-territorialização do sujeito, onde a realidade passa a ser construída a cada momento, de forma plural. A linguagem aparece como o discurso de poder. Um sujeito, sempre pensado em relação a um "outro", vai se produzindo num determinado território/contexto. É uma maneira de o indivíduo tornar-se "sujeito". Em Jung (2000), os pensamentos inconscientes pensam o eu. Para Lacan (1986), o inconsciente a "céu aberto", o fantasma do Eu tem o pé no real, porque exerce influência em suas escolhas. Como descreve Hilmann (1995, p. 46) “o logos da alma, isso é seu verdadeiro discurso, será num estilo imagético [...] que é totalmente metafórico.”

Quem é o eu? O sujeito-autor. Um discurso. Um discurso que transita por diferentes territórios. O olhar deste sujeito traz uma visão de territórios com fronteiras rígidas e em outros momentos as fronteiras são borradas. Reconhecer é nomear, porém, ao invés de apenas buscar a causa do problema, é preciso buscar a rede, o que implica a escrita (auto) biográfica. Como diz Michael White (1995), “a vida é historiar e re-historiar a experiência, considerando o indeterminado dentro do determinado.” O diálogo com as teorias é ferramenta de reelaboração do discurso, não espelho da realidade.

A pesquisa (auto) biográfica como cuidado de si passa pelo *conhece-te a ti mesmo*, de Sócrates, a maiêutica, que recuperado por Foucault, em grego significa cuidado de si e em latim cura de si (Foucault, 2006). O Cântico dos Cânticos (8,2) mostra o cuidado de si em dois jovens enamorados. É possível reunir os fragmentos da memória do eu pelo processo de autoconhecimento como ato de amor no cuidar de si, no dizer de Freire “tomar nas mãos a sua história” e na pedagogia dos jesuítas “tornar-se senhor de si mesmo”.

Para Agostinho, nada existe no intelecto que não tenha passado pelo coração. Parece difícil abordar a aprendizagem sem levar em consideração o corpo.

O (auto) conhecimento como cuidado de si pode estar nos corações e convicções das pessoas, porém, no espaço escolar-acadêmico, nem sempre há clima para falar disso em público. Nas entrelinhas entende-se que o discurso pertence à esfera do privado. Já na relação médico-paciente, enfermeira-paciente ou terapeuta-paciente é diferente, o que contribui para a libertação da subjetividade e abertura para significados mais amplos (In: Pessini e Barchifontaine, 2008, p.8)

A pesquisa (auto) biográfica, como atividade racional, não ignora as suspeitas sobre o “conhece-te a ti mesmo” como forma de autoconhecimento. Entretanto, o método maiêutico, como cuidado de si está presente, de diferentes formas, nas esperanças e decepções dos processos educativos. A ignorância do não-saber tem o peso do sofrimento e da dor, o encontro com a vulnerabilidade do universo, quando a população não sabe cuidar de si e do mundo.

Para evitar a questionável psicologia individual do *conhece-te a ti mesmo*, recomenda Comte: “Conhece a História” (In: Cassirer, 2005, p. 115). E Cassirer (2005) acrescenta: “Conhece-te a ti mesmo para conhecer a história. O sentido precede o problema de desenvolvimento histórico. Por outro lado todas as obras humanas surgem em condições históricas e sociais determinadas”. (id., ibid.).

A formação de professores assume aqui a perspectiva de rever a própria história, desvelar o processo (auto) formativo como autoconhecimento (Cassirer (2005, p.75), o cuidado de si (Foucault, 2006) como “espaço e tempo perceptuais” dos vestígios que permanecem na memória do eu. Tal percepção não são simples dados dos sentidos, mas de natureza complexa, envolvendo o racional, emocional, psíquico, mítico, simbólico e metafórico, que nos levam a um sexto sentido: a educação da sensibilidade.

A sensibilidade, na perspectiva de Bois e Didier, é “movimento interno”, uma função orgânica e psíquica do corpo sensível, o lugar de emergência de um pensamento radicalmente original, espontâneo, de dimensão encarnada, experimentada e ampla, criadora de um conhecimento que não é construído sob o cunho da flexibilidade atual. (Bois e Didier, 2008)

A escrita de si proporciona ao sujeito a descoberta do movimento interno e das categorias do sensível. As expressões “agora entendi”, “é novo para mim” “eu não sabia que”, “agora tudo fez sentido” e outras movimentam todo o corpo, os sentidos, o psiquismo, o cognitivo, as emoções, como evidência empírica da tomada de consciência do sujeito singular. Aquilo que foi a descoberta ou novidade para um eu pode não o ser para outro eu, o que demonstra que os

percursos de aprendizagem são processos singulares traçados no coletivo e a produção de sentidos do coletivo também é singular.

A experiência do sensível é aquilo que faz sentido para si no ouvir o estrangeiro. Ao experimentar a descoberta do já sabido por alguns, o eu tem a sensação de que foi ele quem inventou tal conhecimento. A novidade está precisamente na sensação única de afetar o profundo do eu, provocando um novo olhar para si e para o outro.

Como exemplo, lavar uma lata de leite condensado para ser reciclada pode ser uma educação dos sentidos, a possibilidade de “tomada de consciência” do movimento interno que opera nos sentidos para aquele gesto banal e a percepção de que esse gesto tem relação com os rios, que, poluídos, próximos da morte, podem encontrar, pela sensibilidade e trabalho, a esperança de viver ou re-viver, re-encontrando a sua limpidez. O mesmo ocorre com os homens, quando o eu encontra um outro, capaz de ser movido pela sensibilidade. "O ser-no-mundo, como cuidado, é fascinado pelo mundo com o qual está preocupado. A compreensão da existência da pessoa é sempre uma compreensão do mundo" (Heidegger, 2002, p.94).

O pensamento é um intenso e profundo mergulho nas memórias do eu, um encontro com o outro (Lévinas, 1996). “Esta é a novidade do sujeito: descobrir-se outro de si mesmo por surpreender-se pensando. É a novidade do cogito cartesiano. Ao mesmo tempo esta surpresa de encontro é um momento de solidão que nos arrebatada da solidão”. (Tittanegro, 2008, p.92)

A memória do eu como cuidado de si e a vulnerabilidade são reverberações do mito de Eco e Narciso na construção da autoria da docência. No processo de escrita (auto) biográfica há o risco de ficarmos amarrados ao pensamento do outro, porém, é preciso considerar também o outro lado: ficar apenas com as próprias formas de pensamento, o “si mesmo” dos gregos, corre o risco de tornar-se repetição da “mesmice”. A relação do eu com o outro deve ser de ouvir, reelaborando o próprio pensamento.

A História tecida no retalho pressupõe aprender a ser sensível para captar da carga vivencial, a palavra e metáfora-chave de abertura daquilo que faz sentido para o outro, narrar e re-narrar a História de Vida como processo de autoria. Acompanhar a formação traz desafios para a docência. Com que aspectos da vida a pessoa se identifica e quais a motivam e estimulam a abrir-se para o diálogo com o outro? Como afetar e lidar com o ser afetado?

Destaco a dimensão do acompanhamento na docência, que significa ajudar aquele que está em formação a reconhecer a origem da autoria e afirmar sua inteireza, autonomia e emancipação, por um caminho metodológico e epistemológico que capta as lógicas, os sentidos, os sentimentos e pensamentos que dão sustentação às práticas e relações na sala de aula.

O encontro entre o formador e o sujeito em formação revela histórias emaranhadas de formações e identidades de profissionais a desconstruir-se e reconstruir-se. Segundo Carmé, “o imaginário-mítico irriga a problemática de acompanhamento”, considerado missão impossível, que implica processos de engajamento e desengajamento, astúcia, resistência, luto, abandono, que, tem como ponto de partida a ética da humildade.

pois eu não posso exigir do outro a reciprocidade do engajamento que assumo em relação a ele, e engajamento como necessidade de apostar sempre, assumindo a impossibilidade de ter um retorno sob forma de certeza do sucesso desse jogo. O engajamento, o compromisso, como obrigação de dar, de receber e de devolver, constituindo a garantia de um laço social sempre a reconstruir, a tecer. (In: Véronique Carmé, s/d, p.8)

Se, no espaço de formação, alguns poucos têm voz e a maioria ecoa um discurso não coerente com sua experiência de vida, não há interlocução nem possibilidade de construção da

identidade docente, tampouco daqueles que estão sendo formados, pois não se educa para a responsabilidade, não ocorre « a reinvenção do ser humano no aprendizado do sua autonomia » (Freire, 1996, p. 105). Formadores e formandos podem tornar-se Ecos, quando limitam o processo ensino-aprendizagem à simples transmissão de conteúdo, sem relação com seus projetos de vida, para compreender, conservar e transformar a realidade.

Narciso é representativo do ser humano que tem confiança em si mesmo, « tem voz », enquanto Eco é o ser fragilizado pela falta de auto-estima e ausência de discurso próprio, alguém que só ecoa o que é proclamado por terceiros. Em Narciso, olhar para si, fulcral no processo de autonomia, implica percepção da relação eu-outro. A consciência desse limite é imprescindível, pois a vulnerabilidade está na dependência da aprovação do outro, como o espelho da bruxa má.

As superfícies apresentam-se como jogos de espelhos, teatros de máscaras. O que é real? A imagem da sombra? A imagem da sombra refletida na água? Do jogo de espelhos, ligando sem confundi-las a ética e a ideologia em sua implicação recíproca? Eco formadora seria o refletor, portador de uma chama de refletividade no acompanhamento do outro?

Contar histórias, arte milenar, requer criatividade, que, para Benjamin, é *Heilung*, cura completa (*heil*, em alemão significa inteiro). Assim, histórias são remédio ou veneno. Sherazade, noite após noite, até 1001 noites, conta histórias para evitar a morte. O sultão, traído pela esposa, mata todas as mulheres que passam a noite com ele. As histórias de Sherazade curam o sultão e salvam a narradora. Com Juno é diferente: quando descobre que é traída, condena Eco a apenas repetir as palavras.

No processo formativo a transformação e a consciência de si e do mundo não ocorrem sem resistência, como um traço de autonomia ainda não amadurecida, no estado de vulnerabilidade de passagem de um estado a outro na mudança de identidade. A resistência adquire traços de astúcia para adiar a mudança e de sabedoria pelo não apego aos modismos pedagógicos, em cujos discursos predomina a lógica da exclusão. Como no jogo de *bridge*, algo fica no lugar do morto para que um discurso se torne hegemônico. Porém, todo ser humano é criativo por natureza, para o bem ou para o mal. Nas palavras de Max Weber, o carisma é outra forma de poder. O eu dotado de carisma, uma força sorrateira, indica que o poder centralizador, na transmissão de conteúdos, está sujeito às transgressões visíveis ou invisíveis, a existência do eu como potência do poder-fazer inerente em qualquer processo formativo social.

múltiplos saberes-fazeres úteis à vida, domínio do artesanato em seu ofício, truques mágicos, uso de filtros e de ervas, astúcias de guerra, enganações, fingimentos, arranjos de todos os tipos.” Essa prática de desvio de atenção e da dissimulação de seus objetivos verdadeiros em Eco lembra igualmente a arte da “peruca”, descrita por Michel de Certeau (7), os operários, ao praticar esta arte da economia paralela numa lógica do dom realizam o que De Certeau chama “uma estética de “golpes” e uma “ética da tenacidade” através das diversas maneiras de resistir e de recusar a ordem estabelecida pela lei do patrão. (CARMÉ, s/d, p.10)

Nesse sentido, o formador, tomado pelo desejo de transmissão, pode incorporar a astúcia e a resistência, monopolizando a palavra sobre seus próprios saberes, desviando os estudantes da descoberta e construção de saberes por conta própria. Calar-se é renunciar à transmissão de seu desejo, espreitando palavras no outro para fazê-las suas. Acompanhar as descobertas do outro requer renúncia a uma identidade que não apenas transmite conhecimento.

A aprendizagem constitui-se em passagem de um saber menos para um saber mais, do estado de ignorância para o estado de sabedor, a cura do sofrimento de não-saber. Para tornar-se um processo terapêutico, de cuidado de si e do mundo, o sujeito em formação precisa aprender a cuidar de si pelo conhecimento. Assim, o aluno ou paciente precisa aprender a abrir-

se para si mesmo, libertar-se de suas sombras, traumas e vislumbrar o seu caminho. A passagem de uma identidade a outra é um momento de luto e abandono.

No seio das relações têm alto potencial 'vítimizante': o professor está vulnerável diante do aluno, quando seu domínio dos conteúdos é deficiente ou quando há resistência à aprendizagem e o aluno, quando é incapaz de entender e decidir sobre o que aprende. A construção dos sujeitos éticos e de autoria, nesse contexto, passa pelas tensões na relação professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor. A noção de território faz apelo aos vínculos entre memória e lugares, entre espaços e tempos de aprendizagem, deslocamentos e experiências na constituição do eu e suas transformações, entre a realidade corpórea e sensível na formação humana.

O corpo (auto) biográfico carrega as marcas do Eu em cada outro que chora uma identidade perdida. Considera-se, pois, no contexto educativo/formativo, o formador no reconhecer e cuidar de sua história, o que significaria retomar a espiritualidade no contato com seu pólo criador, inventivo, aventureiro, o qual tem ligação com o princípio da autoria. Essa empreitada não ocorre sem o deslocamento, um trânsito de identidades como um não-lugar. As facetas de astúcia, resistência, abandono, luto que se abrem em qualquer situação de aprender a relação com o outro em territórios/contextos plurais de formação. A atividade Colcha de Retalhos proporciona entrar em contato com os territórios que são formadores do eu-autor, um discurso tecido por muitas vozes na constituição da autoria singular plural.

Referências bibliográficas

AMORIM-NETO, Roque; BERKENBROCK-ROSITO - Freire, Dussel e Kohlberg: da vulnerabilidade à autonomia. REVISTA CONTRAPONTO/UNIVALI, Vol. 7, n.3-set/dez, 2007.

BARTHES, Roland - *O Grão da voz*. Tradução Mário Laranjeiras. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May - Ser professor entre a ética e a estética. *In*: BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May e MORENO, Leda. *O sujeito na educação e saúde: desafios na contemporaneidade*. São Paulo: Edições Loyola e Centro Universitário São Camilo, 2007, p. 275-306.

__Colcha de Retalhos: Uma prática Interdisciplinar a partir de História de Vida. *In*: CARVALHO, Mercedes (Organizadora). *Ensino Superior: Reflexões sobre práticas docentes*. São Paulo: Editora Musa, 2008, p. 77-94.

BOIS, Danis; AUSTRY, Didier - A emergência do paradigma do sensível. Revista @mbienteeducação, volume 1, número 1, jan/julho, 2008. Disponível em http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.

CAMPOS, Neide Pelaez de - *A construção do olhar estético - crítico do educador*. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2002.

CARMÉ, Véronique - ECO – Figuras de engajamento/desengajamento, para uma aprendizagem da humildade? Olhares sobre um mito visando questionar posturas de acompanhamento na formação de profissões que envolvem relação com o outro. França, Universidade de Pau. Tradução de Maria do Carmo Pagano, especialmente, para uso pessoal da autora deste artigo.

CASSIRER, Ernst - Ensaio sobre o homem. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994 (Coleção Tópicos).

DA ROS, Sílvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira (organizadoras) - *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix - As personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo, Editorial Presença, 1992, p. 57-77.

DERRIDA, Jacques - *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Cláudia de Moraes Rego. São Paulo, Relume Dumará, 2004.

DUSSEL, Enrique - *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENCICLOPÉDIA BARSA, Rio de Janeiro, Editora Enciclopédia Britânica de Editores, 1964.

FABRI DOS ANJOS, Márcio - O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade. *Revista Mundo da Saúde*. São Paulo, v.30, n.3, p.325-335, Julho/Setembro, 2006.

FERREIRA-SANTOS, Marcos - *Crepusculario: Conferências sobre mito-hermenêutica e educação em Euskadi*. São Paulo: Zouk, 2004.

FORTE, Bruno - *A porta da beleza, por uma estética teológica*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

FREIRE, Paulo - *A Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

___ *A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FORTE, Bruno - *A porta da beleza*. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Coleção Tópicos).

___ *O que é um autor?* São Paulo, Veja-Passagens, 1992.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. - *O abuso do poder na psicoterapia; e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. São Paulo: Paulus, 2004.

HEIDEGGER, Martin - *Ser e Tempo*. Parte I. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 2002.

HILLMAN, James - *An inquiry of image*. Connecticut: Spring, 1997.

___ *Psicologia arquetípica: Um breve relato*. Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

JOSSO, Marie-Christine - *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2002.

JUNG, Carl Gustav - *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

___ *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

___ *Espírito e Vida*. In: *A dinâmica do inconsciente*. Obras completas C.G.Jung. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho da Rocha. Petrópolis/RJ:Vozes, v.8/2, 1984, p.327-347.

LACAN, Jacques - *Lê semaire, livre VII. L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.

- LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (organizadoras) - *Museu, Educação e Cultura*. São Paulo: Papyrus, 2005.
- LÉVINAS, E. - *Transcendence et Intelligibilité*. Genève: Labor et Fides, 1996.
- MAY, Rollo - *Minha busca da beleza*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1992.
- MAY, Rollo - *A coragem de criar*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- MENDES, André - As imagens do deslocamento nos espaços e os espaços para o deslocamento nas imagens. *Imaginário –USP*, 2006, vol. 12, n.13, p. 15-56.
- MORIN, Edgar - *O problema epistemológico da complexidade* (2ª ed.) Portugal, Publicações Europa-América, LTDA. Coleção Biblioteca Universitária, 1991.
- NORA, Pierre - *Ensaio de Ego-História*. Lisboa/Portugal, Edições 70, 1987.
- OLIVEIRA, Newton Ramos de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (organizadores) - *Teoria Crítica, estética e educação*. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2001.
- ORTIZ-OSÉS, Andrés - Hermenêutica posexistencial. In: MAILLARD & GUERVÓS (eds). *Estética e Hermenêutica. Contrastes Revista Interdisciplinar de Filosofia*, suplemento 48, 2003ª.
- PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian Paul de - *Buscar sentido e plenitude de vida: Bioética, saúde e espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas e Centro Universitário São Camilo, 2008.
- PINEAU, Gaston - A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A e FINGER, M. *O método autobiográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos, 1988.
- PONTY, Merleau - *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- REIS, Ronaldo Rosas - *Educação e Estética: Ensaio crítico sobre arte e formação humana no pós-modernismo*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAMUELS, Andrew - *A Psique Plural*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1992.
- SCHILLER, Friederich - *A Educação Estética do Homem*. 4ª edição. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2002.
- TITTANEGRO, Gláucia - O tempo da espiritualidade. In: PESSINI, Léo e BARCHIFONTAINE, Christian Paul de. *Buscar sentido e plenitude de vida: Bioética, saúde e espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas e Centro Universitário São Camilo, 2008, p. 87-98.
- TROCMÉ-FABRE, Héléne - *A árvore do saber-aprender*. São Paulo: Triom, 2003.
- VON ZUBEN, Newton - Vulnerabilidade e decisão: tensão no pacto médico. *Revista Mundo da Saúde*. São Paulo, v.30, n.3, p. 441-447, Julho/Setembro, 2006.
- WARSCHAUER, Cecília - *Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.
- WHITE, Michael - *Rauthoring lives*. Adelaide/Austrália: Dulwich Centre Publications, 1995.